



22º ENCONTRO NACIONAL  
DE ESTUDANTES DO  
CAMPO DE PÚBLICAS

## **BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NAS PERIFERIAS DE FORTALEZA: CULTURA, EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA TERRITORIAL**

Christian Lennon Ramos dos Santos

1

### **RESUMO**

As bibliotecas comunitárias vêm ganhando protagonismo nas periferias urbanas brasileiras como espaços estratégicos de produção de conhecimento, fortalecimento de vínculos sociais e afirmação de direitos. Em contextos marcados por exclusão social, violência estrutural, ausência de serviços públicos e negação do direito à cidade, esses espaços constituem formas de resistência territorial e cultural. Fruto da mobilização popular, as bibliotecas comunitárias vão além da função tradicional de armazenamento de livros. Elas se configuram como polos de cultura, educação informal, convivência e construção coletiva de saberes, atuando a partir das demandas, linguagens e vivências dos territórios onde estão inseridas.

No Brasil, as periferias são territórios atravessados por múltiplas violações, mas também por intensas potências criativas e redes de solidariedade. A ausência de políticas públicas efetivas, sobretudo nas áreas da educação, cultura e lazer, gera um vácuo institucional que muitas vezes é ocupado por iniciativas autônomas e comunitárias. Nesse cenário, as bibliotecas comunitárias surgem como resposta direta às necessidades locais, articulando leitura, formação crítica, identidade e pertencimento.

Este artigo tem como objetivo analisar o papel das bibliotecas comunitárias como dispositivos de resistência e transformação social, a partir do estudo de caso da Biblioteca Livro Livre Curió, localizada em Fortaleza, no Ceará. Fundada em 2005, essa biblioteca se consolidou como um espaço de educação popular, acolhimento e enfrentamento das desigualdades sociais vividas pela juventude negra e periférica do bairro Curió.

Além disso, busca-se compreender como tais iniciativas se articulam com os debates sobre território, cultura e políticas públicas de base comunitária. A proposta é evidenciar que as bibliotecas comunitárias não devem ser vistas como soluções paliativas, mas como formas



legítimas de produção de conhecimento e de construção de cidadania. Ao promoverem ações culturais, rodas de leitura, oficinas, saraus e debates temáticos, elas estimulam o protagonismo da comunidade, fortalecem a autoestima coletiva e criam espaços de escuta, diálogo e transformação.

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, com base na observação participante, análise documental e entrevistas informais com moradores e colaboradores da biblioteca. Também foi realizada uma revisão bibliográfica fundamentada nos aportes teóricos de Paulo Freire (2000), Boaventura de Sousa Santos (2006) e Marilena Chauí (2000), autores que discutem educação popular, epistemologias do Sul e o papel da cultura na democracia.

Ao longo do artigo, será possível observar como a Biblioteca Livro Livre Curió atua como agente educativo e cultural no território, enfrentando desafios como a falta de financiamento público, a burocracia institucional e a invisibilidade das periferias nas políticas culturais do país. Ainda assim, mesmo diante das dificuldades, sua existência é prova da força da organização comunitária e da urgência de reconhecer e apoiar tais iniciativas enquanto políticas públicas construídas “de baixo para cima”.

**Palavras-chave:** Bibliotecas comunitárias; Periferias urbanas; Educação popular; Cultura; Resistência..

## INTRODUÇÃO

As bibliotecas comunitárias vêm ganhando protagonismo nas periferias urbanas do Brasil como espaços de cultura, educação e resistência. Diante de um contexto marcado por exclusão social e ausência de políticas públicas efetivas, esses espaços têm promovido o acesso à informação, incentivado a leitura crítica e reforçado as identidades locais. Este artigo tem como objetivo compreender como as bibliotecas comunitárias articulam cultura, território e educação popular, tendo como estudo de caso a Biblioteca Livro Livre Curió, localizada em Fortaleza (CE).

A metodologia adotada é qualitativa, com análise de materiais públicos e entrevistas com integrantes da comunidade. As reflexões dialogam com a pedagogia crítica de Paulo Freire e os conceitos de território e epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos. O artigo busca evidenciar o papel dessas bibliotecas como ferramentas de transformação social nas margens urbanas.

## METODOLOGIA



22º ENCONTRO NACIONAL  
DE ESTUDANTES DO  
CAMPO DE PÚBLICAS

O presente artigo adota uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada na análise de um estudo de caso: a Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió, localizada na periferia de Fortaleza, no estado do Ceará. A opção por uma abordagem qualitativa justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que envolve práticas sociais, relações culturais e experiências comunitárias que não podem ser reduzidas a dados estatísticos ou quantificáveis. Conforme Minayo (1994), a metodologia qualitativa permite compreender significados, contextos e vivências, sendo especialmente adequada para estudos sobre práticas sociais em territórios marcados por desigualdades estruturais.

A escolha pelo estudo de caso se deu pela relevância da atuação da Biblioteca Livro Livre Curió no cenário da educação popular e da cultura periférica no Ceará. Desde sua criação em 2005, a biblioteca tem se destacado como espaço autônomo de leitura, formação cidadã, debate político e acolhimento comunitário. O estudo de caso permite observar em profundidade as dinâmicas locais, as estratégias de resistência e as transformações sociais que ocorrem a partir da ação territorializada dessa iniciativa.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante, análise de documentos públicos e institucionais, registros fotográficos e levantamento de informações disponíveis nas redes sociais da biblioteca. Além disso, foram realizadas conversas informais e entrevistas abertas com integrantes da equipe organizadora, voluntários e frequentadores do espaço. A escuta da comunidade foi fundamental para compreender o impacto subjetivo e coletivo da atuação da biblioteca no território.

As informações coletadas foram sistematizadas e organizadas a partir de categorias analíticas como: cultura e identidade, educação informal, resistência territorial e políticas públicas de base comunitária. Também foram consideradas as práticas desenvolvidas pela biblioteca, como rodas de leitura, clubes do livro, oficinas de escrita, cineclubes, saraus, debates temáticos e ações de formação política voltadas à juventude periférica.

No que se refere à ética da pesquisa, todos os sujeitos envolvidos foram previamente informados sobre os objetivos do estudo e autorizaram o uso das informações compartilhadas. Os dados foram tratados de forma respeitosa, preservando as identidades dos participantes sempre que solicitado, em conformidade com os princípios da ética na pesquisa social.

Do ponto de vista teórico, o trabalho se apoia em três pilares principais: a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (2000), que defende uma educação libertadora, dialógica e



vinculada à realidade dos educandos; o conceito de epistemologias do Sul, de Boaventura de Sousa Santos (2006), que valoriza os saberes produzidos por populações historicamente marginalizadas; e a crítica à desigualdade cultural presente nas reflexões de Marilena Chauí (2000), que denuncia a exclusão das classes populares dos bens simbólicos e culturais da sociedade.

Essa triangulação entre prática comunitária, escuta ativa e referencial teórico permite compreender a atuação da Biblioteca Livro Livre Curió como uma experiência concreta de construção de cidadania e justiça social nas margens urbanas de Fortaleza. A metodologia, portanto, não busca apenas descrever as ações realizadas, mas interpretar seus significados e implicações no contexto de exclusão e luta por direitos que caracteriza as periferias brasileiras.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do papel das bibliotecas comunitárias nas periferias urbanas brasileiras exige um diálogo com os campos da educação popular, das epistemologias críticas e da cultura como direito. Neste trabalho, a fundamentação teórica articula os pensamentos de Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos, Marilena Chauí e outros autores que refletem sobre a produção de saberes em contextos periféricos.

Paulo Freire (2000), um dos principais teóricos da educação popular no Brasil e no mundo, defende uma prática pedagógica libertadora, baseada na escuta, no diálogo e no reconhecimento dos sujeitos como construtores ativos de conhecimento. Em sua concepção, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a educação deve ser uma prática de liberdade, enraizada na realidade concreta dos educandos. As bibliotecas comunitárias, ao atuarem com base nas vivências das comunidades e ao promoverem espaços horizontais de aprendizagem, se aproximam diretamente dessa proposta pedagógica. Elas rompem com o modelo bancário de educação, valorizando a oralidade, a escuta sensível, o pensamento crítico e a cultura local. Complementando essa visão, Boaventura de Sousa Santos (2006) propõe o conceito de “epistemologias do Sul”, que reconhece os saberes produzidos pelas populações oprimidas e marginalizadas como legítimos e fundamentais para a construção de uma sociedade democrática. Segundo o autor, o conhecimento não pode ser monopolizado pelas instituições oficiais ou pelo pensamento ocidental dominante. As experiências comunitárias, como as bibliotecas populares, constituem formas de resistência epistemológica e de insurgência contra o epistemicídio, ou seja, a invisibilização dos saberes periféricos, negros, indígenas,



22º ENCONTRO NACIONAL  
DE ESTUDANTES DO  
CABO DE FAVELAS

feministas e populares. Nesse sentido, as bibliotecas comunitárias operam como territórios de produção de epistemologias plurais, onde diferentes formas de saber e expressão coexistem e se fortalecem.

Marilena Chauí (2000), ao discutir o papel da cultura na democracia, denuncia a forma como a sociedade brasileira historicamente nega o acesso dos mais pobres à produção e ao consumo simbólico. Para a autora, o discurso competente — técnico, acadêmico e institucional — muitas vezes exclui as vozes populares, reproduzindo uma hierarquia cultural que distancia os bens simbólicos das camadas populares. A cultura, nesse contexto, não é apenas um espaço de fruição estética, mas um campo de disputa por reconhecimento, identidade e pertencimento. As bibliotecas comunitárias, ao valorizarem autores negros, indígenas, LGBTQIA+ e nordestinos, ao promoverem saraus, rodas de conversa e expressões artísticas locais, se constituem como espaços contra-hegemônicos de construção cultural.

Além desses autores centrais, destaca-se também a contribuição de Nilma Lino Gomes (2017), que discute a importância das ações afirmativas e da valorização da cultura afro-brasileira como dimensões essenciais da educação. Segundo a autora, iniciativas comunitárias são fundamentais para a superação do racismo estrutural, pois constroem novas referências de identidade, pertencimento e autoestima nas juventudes negras periféricas. As bibliotecas comunitárias são, nesse contexto, espaços de disputa simbólica, onde as narrativas hegemônicas são confrontadas por outras formas de saber e existência.

A articulação entre esses referenciais permite compreender que as bibliotecas comunitárias não apenas ofertam livros ou promovem leitura: elas reconfiguram o conceito de educação, ampliam o acesso à cultura e contribuem para o reconhecimento das periferias como territórios produtores de conhecimento. Seu papel político, pedagógico e cultural é indissociável, sendo um exemplo concreto de práticas transformadoras enraizadas na realidade das classes populares.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió, localizada no bairro Curió, em Fortaleza (CE), é um exemplo emblemático da força da organização popular na construção de alternativas culturais e educativas nas periferias urbanas. Fundada em 2005 por moradores e voluntários da região, sua criação surgiu como resposta direta à escassez de políticas públicas de cultura e educação voltadas para as juventudes periféricas.



22º ENCONTRO NACIONAL  
DE ESTUDANTES DO  
RIO DE JANEIRO

Desde sua fundação, a biblioteca tem desenvolvido uma série de ações de caráter educativo, cultural e político. Entre as atividades mais recorrentes estão rodas de leitura, clubes do livro, contação de histórias, oficinas de escrita criativa, saraus, cineclubes e debates sobre temas como racismo, direito à cidade, desigualdade social, cultura popular e protagonismo juvenil. Essas práticas são organizadas de forma coletiva e horizontal, respeitando o tempo, a linguagem e os interesses da comunidade.

Um dos aspectos mais significativos do trabalho da biblioteca é o cuidado com a curadoria do acervo. A equipe prioriza livros de autores negros, indígenas, LGBTQIA+ e nordestinos, buscando romper com a lógica colonial e eurocêntrica que ainda predomina em muitas instituições de ensino. Essa escolha não é apenas simbólica, mas profundamente pedagógica: ao se verem representados nas obras disponíveis, os frequentadores da biblioteca desenvolvem sentimentos de pertencimento, autoestima e valorização de suas origens.

Outro ponto importante é a relação estabelecida com as escolas públicas da região. Professores e coordenadores pedagógicos reconhecem a biblioteca como uma aliada no processo de formação leitora e cidadã dos estudantes. Embora ainda não exista um convênio formal, é comum que turmas visitem o espaço para atividades complementares, e que os educadores indiquem a biblioteca como fonte de pesquisa e lazer educativo. Essa articulação entre educação formal e não formal amplia o alcance das ações e contribui para a construção de uma rede de proteção e aprendizagem no território.

A biblioteca também atua como um espaço seguro para crianças e adolescentes no contraturno escolar, prevenindo situações de vulnerabilidade, como o envolvimento com a violência urbana, o trabalho infantil e a evasão escolar. Os relatos de mães, educadoras e jovens participantes apontam que o espaço da biblioteca é visto como um refúgio, um “lugar de afeto”, onde todos são escutados e respeitados. A presença de figuras inspiradoras como Ritinha, Tales e Lígia — lideranças locais que coordenam as ações da biblioteca — reforça a dimensão afetiva e comunitária do projeto.

Contudo, os desafios são inúmeros. A biblioteca não possui financiamento fixo e depende de editais públicos pontuais, doações voluntárias e da dedicação de uma equipe reduzida, muitas vezes atuando de forma não remunerada. A ausência de políticas públicas estruturantes para a cultura nas periferias urbanas evidencia o descaso histórico do Estado com os territórios populares. Além disso, a burocracia excessiva no acesso a recursos públicos, a falta de reconhecimento institucional e a invisibilização nas agendas culturais oficiais dificultam a continuidade e o crescimento da iniciativa.





22º ENCONTRO NACIONAL  
DE ESTUDANTES DO  
RIO DE JANEIRO

Mesmo diante dessas dificuldades, a Biblioteca Livro Livre Curió mantém-se ativa e relevante. Sua atuação reflete o conceito de “educação popular insurgente” proposto por Freire, ao promover a leitura crítica da realidade, a valorização dos saberes locais e a construção coletiva de alternativas. Da mesma forma, evidencia o que Boaventura de Sousa Santos denomina como “sociologia das ausências” — ao mostrar que aquilo que muitas vezes é considerado inexistente (como cultura ou educação na favela) é, na verdade, profundamente vivo e potente.

Portanto, os resultados observados na Biblioteca Livro Livre Curió apontam para sua importância como espaço de resistência cultural, formação crítica e afirmação de direitos. Sua prática cotidiana desafia a lógica excludente das políticas públicas tradicionais, ao demonstrar que as comunidades periféricas são capazes de produzir, gerir e sustentar equipamentos culturais de alto impacto social. A biblioteca não é apenas um local de leitura, mas um território simbólico onde se constroem pertencimentos, saberes e futuros possíveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As bibliotecas comunitárias, como a Livro Livre Curió, demonstram o poder da organização popular na construção de espaços educativos, culturais e políticos nas periferias urbanas. Elas desafiam a lógica excludente das políticas públicas ao promoverem, de forma autônoma, práticas de leitura, escuta e valorização dos saberes locais. Ao reconhecer essas iniciativas como políticas de base, é possível avançar na construção de uma sociedade mais democrática e plural. Políticas públicas permanentes, financiamento adequado e reconhecimento institucional são essenciais para garantir a continuidade e a expansão dessas experiências transformadoras.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos aos integrantes da Biblioteca Livro Livre Curió pela disponibilidade, acolhimento e por manterem viva a chama da educação popular em Fortaleza. Em especial, reconhecemos a dedicação de Ritinha, Tales e Lígia, que, com sensibilidade, afeto e resistência, constroem cotidianamente um espaço de aprendizado, memória e transformação no território.

## REFERÊNCIAS



22º ENCONTRO NACIONAL  
DE ESTUDANTES DO  
CAMPO DE PÚBLICAS

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS (RNBC). Disponível em: <https://rnbc.org.br>. Acesso em: 20 jul. 2025.

Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió. Instagram: @livrolivrecurio.